

ALEX IRVINE

 TOM CLANCY'S
THE **DIVISION**®
BROKEN
DAWN

Tradução

Rodrigo Tavares de Moraes Abreu

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2020

CAPÍTULO 1

VIOLET

Violet afundou a ponta de sua bota no solo à beira da zona inundada. Do outro lado de aproximadamente 150 metros de água ficava o hotel onde ela e seus amigos permaneceram por um tempo, logo depois que a Gripe do Dólar — ou o Veneno Verde, como você preferir — havia começado a matar todo mundo. As autoridades haviam transformado o hotel em um campo de refugiados, sob o controle da FTC. Violet não sabia o que FTC significava, mas eles eram os encarregados de todos os assuntos militares. Também eram encarregados de distribuir comida e medicamentos. Tudo no hotel se mantinha bastante estável... depois da morte de todos os previstos, pelo menos. O que incluía os pais de Violet.

Ela não pensaria nisso agora.

— Tenho saudades desse lugar — falou baixinho.

Seus amigos formavam um grupo à sua volta.

— Sim — respondeu Saeed. — Eu também.

Os gêmeos Noah e Wiley Murtaugh assentiram. As outras três crianças do grupo — Shelby, Ivan e Amelia — apenas olhavam. Ivan se aproximou de Amelia. Ela era sua irmã mais velha. Às vezes Violet sentia muita inveja das crianças do assentamento que ainda tinham irmãos e pais.

Era para eles estarem do lado de fora colhendo ervas e verduras, mas, em vez disso, decidiram dar uma olhada no hotel em que não podiam mais viver. Agentes do governo haviam levado as crianças para lá logo que a peste foi deflagrada. Quando o pior já tinha passado, Violet e o resto das crianças ajudaram a plantar uma horta em seu pátio. Agora todas as sementes provavelmente estavam inundadas. Tudo ao redor estava inundado.

Ainda assim, ir até lá e se sentir triste em grupo parecia ser melhor do que caçar verduras comestíveis nas partes cobertas de mato do National Mall, que era o que eles deveriam estar fazendo. Eles precisavam suplementar as hortas que já cresciam no Castelo. Talvez eles pudessem ir até outro parque ou algo assim, para ficar longe do Mall. Muitos dos prédios que antigamente foram museus e coisa e tal agora estavam cheios de gente má. As pessoas do Castelo compreenderiam.

Violet, no entanto, ainda estava nervosa. Ela tendia a seguir ordens com frequência, raramente as desobedecendo, porque tinha visto coisas horríveis quando o Veneno Verde se alastrou por Washington, DC. Todos ali tinham visto tais coisas. Sete crianças em seu grupo, todas com idades entre 9 e 11 anos, e todas que haviam perdido pelo menos um dos pais. Sem contar irmãos e amigos. Isso era parte do que as uniu. Isso também significava que as outras pessoas em seu assentamento tendiam a estereotipá-las como as Crianças que Precisavam de Cuidados... o que era irritante e gentil ao mesmo tempo. A maioria das demais crianças do assentamento tendia a evitá-las, como se ser órfão fosse contagioso.

Até a inundação, tinham vivido com aproximadamente cem outras pessoas nos andares mais baixos do Mandarin Oriental. A parte externa do hotel era protegida e fortificada e os soldados da FTC apareciam sempre para se assegurar de que tudo estava bem. Eles usavam água de chuva coletada em barris. Era um lugar bastante seguro, comparado com outros. Pelo menos era o que parecia, assim como parecia que as coisas na capital estavam ficando um pouco melhores do que estiveram no inverno. Ou talvez a impressão fosse essa apenas porque

era mais fácil se sentir bem quando as plantas começavam a florescer e tudo ficava mais verde.

Então, no começo de abril, o rio transbordou e eles tiveram que sair.

Agora se hospedavam no velho Castelo Smithsonian. O lugar estava bem cheio porque muitas pessoas do assentamento do hotel tinham ido para lá. Alguns talvez estivessem do outro lado do Mall. Certos grupos tinham decidido seguir para o leste, esperando que as coisas estivessem mais seguras perto da base militar de lá. Ela não conseguia se lembrar do nome.

— Saeed — falou ela. — Qual é o nome daquela base do exército perto do rio? Não o rio Potomac, o outro.

— Base Conjunta Anacostia-Bolling — respondeu Saeed.

Ele sempre sabia esse tipo de coisa. Assim como sabia que FTC significava Força Tarefa Conjunta e podia lhe dizer tudo sobre como a FTC fora criada quando unidades militares e de socorristas foram tão dizimadas que os sobreviventes precisaram ser reorganizados com um novo nome. E ele podia lhe dizer que a Gripe do Dólar era na verdade varíola que veio de Nova York. Violet estava feliz por ter Saeed por perto. Ter ele era como ter acesso à internet, embora a internet tivesse desaparecido com todo o resto.

Violet se perguntava se era realmente mais seguro perto do rio Anacostia. O problema era que ela sabia que existiam pessoas más no caminho. Toda a área em volta do Capitólio era uma zona proibida para as crianças. Todos no assentamento concordavam em relação àquilo. Era verdade desde antes da inundação e agora alguém os alertava sobre isso quase toda manhã. Como se eles já não tivessem sobrevivido a uma poderosa peste e a tudo de ruim que aconteceu depois disso. Adultos não compreendiam que as crianças podiam descobrir como sobreviver tão bem quanto eles próprios.

Mas eles deixavam que as crianças andassem em grupo basicamente onde quer que elas desejassem dentro de um certo limite. Hoje, elas forçavam esse limite. Em vez de colher verduras nas margens do Mall, elas foram na outra direção. Seguiram para sul na Sétima até o Hancock Park, onde os trilhos da ferrovia estavam acima do nível da

rua na estação de metrô. Elas seguiram os trilhos até eles voltarem para o nível da rua e então desaparecerem na beira da zona inundada. Enormes prédios comerciais vazios se agigantavam ao redor. Ao sul, seguindo a margem original do rio, prédios residenciais finos e altos se erguiam da água. O rio se agitava lá fora, enlameado com pequenas cristas espumosas como pedaços de cobertura de bolo. Violet levantou seu colarinho e se virou para que o vento batesse em suas costas. Ali, perto da água, estava gelado.

— Quanto tempo vocês acham que a água vai permanecer alta? — ponderou Shelby, a mais nova.

— Acho que ainda está subindo — disse Amelia. — Da última vez que viemos até aqui, nós conseguimos chegar mais perto do hotel.

Violet concordava. Quanto mais a água subiria? Ela pensou que o Castelo ficava em uma área mais elevada, mas não muito mais elevada. Será que eles teriam que se mudar novamente?

Ao mesmo tempo, Wiley e Noah falaram:

— Nós deveríamos ir embora.

Eles não eram gêmeos idênticos, mas se pareciam bastante. Eles também possuíam várias peculiaridades que apenas gêmeos idênticos deveriam possuir, como ter a mesma ideia ao mesmo tempo.

— Talvez — respondeu Amelia. — Mas nós realmente deveríamos colher algumas verduras antes de voltar ao Castelo.

Os adultos não os vigiavam de perto a maior parte do tempo, mas esperavam que Violet e as outras crianças seguissem as instruções.

— Sim — falou Violet. — Podemos procurar na parte do Mall que fica perto do Memorial Lincoln, talvez.

— É uma longa caminhada — disse Ivan.

Shelby concordou.

Eles chegaram a um consenso com os Constitution Gardens, no meio do caminho entre o Monumento de Washington e o Memorial Lincoln. Mas antes tinham que contornar a área inundada até chegar à Independence Avenue. Eles cruzaram a rua larga e vazia até o Mall e ficaram ali, atentos a grupos de desconhecidos. Se dezembro e janeiro tinham sido horríveis, e fevereiro e março muito bons, então

abril estava no meio do caminho. Não havia pessoas mortas por todo lado e armas disparando o tempo todo, como no inverno. Mas não era tão pacífico quanto tinha sido em março, quando os adultos do hotel estavam começando a achar que talvez o governo ainda estivesse funcionando e que tudo ficaria bem.

Violet se perguntou quem era o presidente. Havia rumores de que o presidente Mendez havia morrido, mas isso não significava que teriam que escolher um novo? Talvez tivessem escolhido e ninguém soubesse. Não havia mais telefones ou internet. Violet e as outras crianças sabiam apenas o que entreouviam das conversas dos adultos.

— Violet, você está vindo?

Saeed olhava para ela. O resto do grupo estava à frente dele, contornando a margem sul do Mall.

Ela correu para alcançá-los. O Mall fazia Violet se sentir esquisita. Todas as coisas eram museus. Não apenas os museus. Tudo. As cabines de informação aos turistas, os banheiros do Serviço Nacional de Parques... tudo parecia que tinha sido feito para um mundo diferente. Violet tinha apenas 11 anos, mas reconhecia a sensação, como se ela tivesse sobrevivido a algo tão enorme que o mundo depois daquilo fosse sempre ser diferente.

Ivan estava vasculhando o Mall. Ele era sempre a sentinela, atento a pessoas que poderiam ser uma ameaça. Um orientador psicológico tinha lhes dito que muitas crianças que passavam por traumas faziam isso. Era conhecido como hipervigilância. Isso tornava um pouco difícil a convivência com Ivan, mas também era útil. Ainda havia muitas pessoas más na capital. O governo tinha acabado, o exército tinha desaparecido e a polícia também. A inundação tinha sido difícil para todos. Bem quando eles estavam se estabelecendo e começando a se ajustar ao funcionamento das coisas, eles tiveram que se mudar de novo, de repente.

Todo mundo tinha que cuidar de si mesmo. Os agentes da Divisão não podiam resolver tudo.

Quando Violet alcançou o grupo, Saeed estava olhando para o que estava atrás dela.

— Eu sei — falou ela, quando o olhar do menino se virou na sua direção. — Você quer ir ao Museu do Ar e do Espaço.

Ele assentiu com a cabeça:

— Sim.

Saeed queria ser um astronauta. Violet se lembrava de ter ido ao Museu do Ar e do Espaço em uma excursão alguns anos antes, na quarta série, mas ela não se lembrava de como era uma espaçonave. Ela não era muito ligada no espaço. Biologia era mais a sua praia. Ela queria ser veterinária. Ou uma poetisa.

Mas ela se lembrava de ver a cápsula da *Apolo 11* no enorme saguão de entrada, com aviões espalhados à sua volta. Ela se perguntava se aquilo ainda estava lá. O Museu do Ar e do Espaço era um dos locais proibidos. Supostamente pessoas más tinham dominado o local.

— O que houve, Vi? — Ivan a cutucou no braço. — Você parece triste.

Museus a fazia pensar em coisas antigas e que as pessoas as colocavam nesses lugares para que fossem lembradas. Agora uma das coisas antigas de que as pessoas se lembravam era a forma como as coisas eram antes da peste. Excursões, viagens de fim de semana com os pais, todas as coisas cotidianas normais que as pessoas costumavam fazer.

Ela não ia chorar na frente de Ivan.

— Vamos lá — disse ela. — Vamos encontrar um pouco de salada.